

MEMÓRIA E IDENTIDADES: O COTIDIANO NO LICEU SALESIANO EM MATO GROSSO.

Prof. Dr. Adilson José Francisco¹

Primeira instituição de ensino da Congregação Salesiana instalada em Mato Grosso em 1894, o então *Liceu Salesiano de Artes e Ofícios São Gonçalo* em Cuiabá, serviu, por sua localização e importância, de centro irradiador e propulsor da Missão e modelo de organização e estruturação das demais casas abertas pelos salesianos em Mato Grosso. Instituição com mais de um século de existência, nela passaram milhares de adolescentes e jovens de Mato Grosso e de regiões circunvizinhas, representou mais que um espaço de instrução. Nela várias gerações aprenderam, viveram e tiveram suas vidas moldadas por práticas e vivências cotidianas que, por sua recorrência e eficácia, revelam bem mais que uma pedagogia religiosa implementada numa das maiores instituições de ensino do estado.

Para além de uma história institucional proponho neste texto a análise de algumas práticas desenvolvidas nos intramuros da escola e os seus vínculos com a produção e constituição de sujeitos.

Tarefa da modernidade, a construção do “cidadão”, era também finalidade da educação católica. Apesar da aparente oposição, estes projetos não só não se opõem, mas, decompondo os diferentes níveis das práticas e vivências institucionais, perceber-se-á equivalências inimagináveis.

Desta forma, sem prescindir dos macro fatores, quer-se aqui, dirigir o olhar para a micro história e perceber desde o interior de uma instituição escolar os nexos com processos mais amplos de transformação e de manutenção da ordem social. Para tanto utilizo-me da noção de poder disciplinar desenvolvida por M. Foucault e os processos constituição do eu analisados por E Goffman². De acordo com estes autores, instituições como as prisões, os sanatórios, a escola constituíram-se no âmbito da modernidade, em espaços significativos de produção de saberes, de vivências e, em uma palavra, de assujeitamento, não pela negação, pelo aniquilamento, mas antes, mediante uma minuciosa rede de dispositivos, tornaram-se produtoras de individualidades dóceis e úteis.

1. OS SALESIANOS EM MATO GROSSO

Oriundos do norte da Itália, os salesianos pertenciam a Sociedade São Francisco de Sales fundada pelo padre Giovanni Bosco em 1859. Imbuídos do espírito romanizador, estes missionários traziam consigo a preocupação de expandir os princípios e valores da fé católica para as diferentes classes sociais, especialmente através da educação. A laicização do ensino, o crescente anticlericalismo, as transformações sócio-políticas e econômicas ligadas ao processo de industrialização, são questões conhecidas pelos filhos de Dom Bosco. A proposta missionária bem como o projeto pedagógico salesiano constituem-se, de certo modo, numa resposta da Igreja Católica àquelas questões. Por esta razão, ao espírito romanizador, por vezes, apologetico, os salesianos, conjugarão em suas práticas uma maleabilidade e uma flexibilidade pouco percebida em outras congregações religiosas que chegavam ao país naquele período.

Presentes no Brasil desde 1883, haviam fundado dois liceus de artes e ofícios um em Niterói e o outro em São Paulo. A carência de quadros para atuarem na educação, a atuação no ensino profissionalizante e a boa repercussão da ação daqueles missionários levará o próprio governo do estado a intervir na vinda dos

¹ Professor Adjunto do Depto de História da UFMT/Rondonópolis. Mestre em Educação e Doutor em História Social pela PUC-SP. Coordena o Grupo de Pesquisa História, Sociedade e Cultura (HISCULT). dilsojf@terra.com.br

² FOUCAULT, M., Deux essais sur le sujet et le pouvoir. Pourquoi étudier le pouvoir: la question du sujet, *In*: DREYFUS, H. & RABINOW, P., *Michel Foucault: un parcours philosophique*, p. 139.; Vigiar e Punir e GOFFMAN, Erving. *Manicômios, prisões e conventos*.

mesmos para Mato Grosso. Assim, após reiteradas solicitações do bispo de Cuiabá, dos pedidos e garantias de auxílio aos missionários pelo governo local, condição sempre presente na escolha dos lugares onde os salesianos se instalavam, em 18 de junho de 1894, os esperados padres educadores desembarcam no porto de Cuiabá, após quarenta dias de viagem, vindos de Montevidéu ao longo do Rio Paraguai.

Chamados inicialmente para o trabalho da catequese indígena, os salesianos não descuidarão da sua preocupação fundamental: a educação. Dois meses após sua chegada, abrem as primeiras salas de aula na Igreja Matriz da Freguesia de São Gonçalo no Porto. Em 1897, fundam o Oratório e mais tarde Noviciado na Chácara Santo Antônio no Coxipó, em 1899 o Colégio Santa Tereza em Corumbá. Em 1908, a Chácara do Coxipó dá lugar a Escola Agrícola para os filhos de agricultores e indígenas das Colônias já existentes: Colônia Tereza Cristina e posteriormente a Colônia Sagrado Coração de Jesus (1901), Colônia Imaculada Conceição (1903) e Colônia São José (1907), atual Sangradouro, todas formadas pelos índios bororo.

Mas será a partir do Liceu São Gonçalo, que a ação daqueles missionários se organiza. Como centro irradiador da missão, tornar-se-á o modelo de instituição e prática educacional para as demais casas no estado. Para os fins propostos neste texto, apresento sucintamente os primeiros anos da instauração do Liceu priorizando a análise de algumas práticas educativas.

2. CONSTRUINDO O LICEU

Tendo chegado em Cuiabá em junho de 1894, já em agosto abrem o curso primário no amplo presbitério da Paróquia São Gonçalo e no mês seguinte o curso ginásial. Uma sala onde funcionou a primeira classe elementar foi o marco inicial do Liceu e da ação educativa dos salesianos no estado. Em 1895, já eram cento e dezesseis alunos, entre estudantes externos e internos, que frequentavam as apertadas repartições das salas anexas à Igreja de São Gonçalo, onde até o presbitério da igreja era utilizado para as aulas. Neste mesmo ano, com auxílio do governo do Estado, adquire uma casa e chácara para a construção do Liceu de Artes e Ofícios, próximas à Igreja São Gonçalo.³

Os Oratórios Festivos aos domingos, as missas cantadas, as primeiras-comunhões e as novenas de Natal dirigidas pelos salesianos encantavam rapidamente a população que passa a frequentar e granjear a simpatia dos missionários.

Com o aumento das matrículas, a vinda de reforço de Montevidéu e a percepção da possibilidade de efetiva instalação da Congregação no Estado, Pe. Malan, até então vice inspetor da Missão, muda a escola que funcionava na Igreja para novo terreno em maio de 1896.

Aos poucos recebendo os reparos necessários, a casa e a chácara, situadas na antiga Rua dos Pescadores próximo ao Córrego da Prainha, vão dando espaço ao que seria o Liceu de Artes e Ofícios São Gonçalo. A construção da capela, o busto do fundador da congregação e a adaptação do imóvel, transformado ora em sala de aula, ora em dormitório, definem o ardor com que aqueles missionários se aplicavam ao seu campo de trabalho e expressam a decisão de estender ao maior número possível de adolescentes e jovens uma educação que, contemplando os avanços das ciências, não venha a desprezar a fé, antes a solidifique.

Em 1898, são inauguradas as quatro oficinas de alfaiataria, ferraria, carpintaria e curtição de couro do Curso Profissional, que funcionava já com onze alunos. No final do período letivo, oitenta e quatro alunos prestam os exames de admissão no Liceu Cuiabano, uma vez que o São Gonçalo ainda não se encontrava equiparado. Neste mesmo ano, Pe. João Balzola leva três índios bororo para a Exposição Artística e Religiosa, promovida pela Congregação em Turim, na Itália. Dois anos mais tarde, é inaugurado o Observatório Meteorológico dentro do Colégio que, além dos serviços afins, seria utilizado como espaço de ensino, onde funcionariam os laboratórios de Química e Física.

³ LIVRO n° 142, fls. 226 do livro 3-D do Cartório de 1° Ofício da Capital, registro n° 3180-A, fls. 226 do livro 3-D, 28/5/1948, do Registro de Imóveis de Cuiabá, Segundo Ofício da Capital. Apud PEREIRA LEITE, L. P. A obra *Dombosquina em Mato Grosso*, p. 12.

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

Ciosos de sua missão evangelizadora mas também preocupados em receber do Estado garantias e reconhecimento de sua ação pedagógica, os missionários não medirão esforços em adequar-se a legislação educacional vigente. Em 1902, o Colégio é equiparado ao Ginásio Nacional do Rio de Janeiro, antes mesmo do período de carência exigido pela legislação, uma vez que, conforme o Diretor Pe. Malan, “há diversos anos o Liceu segue os programas do Ginásio Nacional”, o que implicou numa combinação sem grandes problemas entre a índole catequético-humanista do projeto salesiano e as exigências do Decreto nº 3890 de 1º/1/1901 e da Reforma Epitácio Pessoa.⁴

A equiparação possibilita ao Liceu a estruturação completa do ensino secundário e a emissão de certificados de bacharéis em Ciências e Letras. Ligados oficialmente ao Governo Federal e cumprindo as exigências legais, os padres educadores expandem rapidamente as dependências do Liceu que, em 1905, já contava com novas salas e repartições, além de um jornal próprio, a *Revista Mato Grosso*. Editado no Liceu desde 1903 este periódico mensal publicava artigos que iam desde as inovações científicas, dados meteorológicos relativos ao estado, letras e artes até os resultados dos exames e as respectivas classificações dos alunos. Preocupação característica dos salesianos desde a sua origem, a publicação de periódicos e jornais, serviam à propagação dos princípios e verdades da fé católica, bem como à divulgação da própria ação missionária daqueles religiosos, no estado e fora dele.

Esta primeira década de instalação coincide com os inúmeros movimentos políticos que sacudiram o Estado. O clima de instabilidade e de interesses político-econômicos dos diferentes grupos oligárquicos que se enfrentavam não deixou de repercutir no cotidiano do Liceu. As crônicas relatam a insegurança e por vezes o terror, que tomava conta da população e também dos alunos e religiosos nestas ocasiões. Entretanto, tais reprimendas não representaram empecilho significativo para sua instalação e expansão.

Teoricamente neutros e orientados para tanto no campo das opções políticas, a “ação civilizadora e humanitária” dos salesianos não deixa de contar com o apoio e subvenção dos diferentes coronéis que assumem o mando estatal. Nem sempre com a mesma regularidade, o Liceu recebe auxílio do Estado, seja em forma de subvenções votadas pela Assembléia Legislativa, seja mediante cotas de loteria federal, passagens, doações ou mesmo mediante contratos; também não faltam as doações e ajudas dos “cooperadores salesianos”.⁵

Mas, sem dúvida, o maior apoio recebido pelos padres-educadores é a liberdade de ação e o reconhecimento da obra salesiana por parte da elite dirigente. Em sintonia com o episcopado nacional, buscam “reconquistar” a influência católica em *duas frentes*: *junto às massas* - pelo trabalho nas paróquias e ensino profissional - e *junto às elites dirigentes* - na educação dos filhos destas mesmas elites que, no caso de Mato Grosso, não tinham muitas opções quanto a possibilidades de estudo.

Embora sintonizados com o episcopado nacional, por vezes os salesianos destoam da rigidez antiliberal da hierarquia. Esta condição resultava do espírito prático acentuado, ligado à maleabilidade na aplicação dos princípios teóricos. O “espírito prático” realmente perceptível, naqueles anos iniciais, é evidenciado pela razão exposta. Preocupados com a rápida implantação da missão em todas as suas frentes de ação, os salesianos não dispensam o auxílio de “estranhos” benfeitores, ainda que sob a censura do episcopo local:

O Sr. Bispo repetidas vezes me disse de recomendar ao Pe. Malan que não mandasse convite aos maçons, espíritas, protestantes, positivistas, etc. Não se pode atender a judiciosa recomendação, visto os exemplos que nos legou o amantíssimo Pe. João Bosco,

⁴ OFÍCIO do diretor do Liceu São Gonçalo ao Ministro da Justiça e dos Negócios Interiores, ACSG, 1901.

⁵Inúmeros são os documentos que mencionam o subsídio estatal. Cf. LIVRO de Registro do Delegado Fiscal do Tesouro Federal, of. nº 126 de 19/12/1892; LIVRO de Crônicas de 15/8/1900: LEI do Orçamento de 1895 nº 80 art. 22 § 7º; Livro de Crônicas do Liceu, 7/3/1900; 5/4/1900.

*nosso fundador, que tratava e recebia com bons modos os benfeitores de seus meninos, fossem eles lá quem e como fossem.*⁶

A judiciosa recomendação do fundador sem dúvida era seguida à risca no Liceu, quase chegando a um “culto à autoridade”. O Livro de Impressões, as Atas de Formatura e as Crônicas atestam as constantes visitas de representantes do governo, do próprio Presidente do Estado que ano a ano visitava o Liceu. Por sua vez, a presença dos padres, da banda do colégio ou de delegação de alunos em eventos oficiais ou não, como por ocasião dos aniversários daquelas autoridades, exprimia no anverso da recomendada neutralidade a proximidade entre os salesianos e o governo, ou em outros termos, entre Igreja e Estado.⁷

Esta maleabilidade e evidente proximidade com as autoridades locais permitem, não sem pequenos incidentes, a expansão e o rápido crescimento da Missão e também do próprio Liceu.

3. CONSTRUINDO IDENTIDADES

Articulada a toda uma minuciosa organização pedagógico-administrativa previamente estabelecida, executada e dirigida pelos missionários, estava uma extensa rede de práticas e dispositivos de saber e de poder, por vezes sutil de outras vezes mais explícitas, que se manifestava no cotidiano das práticas educativas. É no cotidiano, este lugar “*das interações resgatadas do território do privado, da rede de gestos e circulação dos corpos, da ritualização do espaço, que envolve os indivíduos*”⁸ que é possível perceber e analisar aquelas práticas e as vivências dos sujeitos.

Educar não era apenas cuidar do aperfeiçoamento intelectual. Tratava-se de, preventivamente cuidar do corpo, da alma de cada menino que adentrava aquele “templo do saber”. Antepondo-se a qualquer risco, a verdadeira educação, ordenava temporalidades, estruturava e definia espaços e modos de ocupá-los, estabelecendo as formas do *cuidado de si*, estruturava o campo das ações dos outros. Diversas são as práticas e vivências cotidianas do Liceu mediante as quais é possível perceber estas formas. Limito-me a considerar as formas de controle do tempo, dos espaços e a educação para o trabalho.

3.1 CONTROLE DO TEMPO

O cristianismo, desde sua origem, procurou valorizar a vivência e a noção de tempo como lugar da ação salvífica de Deus na história. Mas será sobretudo a partir da Reforma que diferentes congregações e ordens religiosas incluirão em suas regras uma crescente sequenciação e fragmentação temporal.

O tempo, “*dom de Deus*” para a vida da graça, não deve ser desperdiçado. O ócio, momento e lugar das tentações, é constantemente combatido pela ininterrupta seqüência de ocupações prescritas na meticulosa divisão temporal. A vida é “*troppo breve*” e “*cada minuto de tempo vale um tesouro*”. Esta sacralização e necessidade da prudente utilização do tempo presente é uma constante nas orientações do fundador do Oratório de Valdocco para quem, sendo o tempo algo precioso, “*deve-se extrair todos os obstáculos que impedem o seu bom aproveitamento*”.⁹ A formação de “*bons cristãos e honestos cidadãos*” não deve

⁶ LIVRO de Crônicas do Liceu Salesiano São Gonçalo, 2/7/1900. A mesma recomendação e posição se repetem de acordo com a nota de 13/08/1900 do mesmo Livro.

⁷ O apoio da família Murtinho, por exemplo, não será esquecido pelos salesianos. Quando da visita do ex-presidente do Estado em 1898 brindam-no “*com uma brilhante recepção a bordo, como também... com um certame cômico-dramático-músico-literário, que lhe oferecemos...*” MALAN, Pe. A., *op. cit.*, p.27. Cf também: Livro de Crônicas 23/11/1903 e 15/12/1904; OFÍCIO do Presidente do Estado Antônio Pedro Alves de Barros de 8/8/1903, todos no Arquivo do Liceu.

⁸ GOFFMAN, E., Microsociologie et Historie, In: CARDOSO, C. F. e VAINFAS, R., *Domínios da História: Ensaios de Teoria e Metodologia*, p. 259-260.

⁹ MB 13, 210; 4,746.

prescindir das obrigações próprias ao *estado de vida* do educando, a começar do usufruto digno do tempo destinado a angariar a salvação. A forma digna de usufruir este tempo está em torná-lo útil e econômico, isto é, não desperdiçá-lo mas ajustá-lo e utilizá-lo conforme o “*estado de vida*” do educando.

Os toques dos sinos, as palmas, os gestos convencionados sinalizavam sempre o início ou o término de cada atividade cotidianamente repetida. As crônicas do Liceu apresentam poucas grades de horários. É muito comum a expressão “*como de costume*” ou “*como no ano passado*” ao referir-se aos horários diários. Não obstante, a leitura das práticas cotidianas revela uma planejada internalização da fragmentação temporal por parte daqueles meninos que, provindos das fazendas, garimpos ou mesmo das cidades, possuíam pouco mais que as alternâncias cósmicas e biológicas e às vezes religiosas para demarcarem seus dias e noites. Esta planejada internalização supõe acertadamente a repetição e a fiscalização do cumprimento exato dos diferentes momentos desta “nova” segmentação temporal. A ausência de relatos detalhados das grades de horários a cada ano possivelmente indique já um dos efeitos do poder disciplinar: a assimilação do *tempo institucional*.

As alternâncias quase que “primitivas”, a lógica preventiva impõe divisões e aplicações mais minuciosas, visando combater as condições geradoras da “*fleuma dos grandes*” e a “*inércia dos maiores*”. A extensa segmentação do tempo cotidiano explicita exemplarmente este combate. Já não é mais a manhã, o meio-dia, o pôr-do-sol, mas as horas, os minutos e os segundos do relógio, prenunciados no plano geral do ano e cotidianamente anunciados e lembrados por uma eficiente convenção de sinais, que demarcam o tempo, o lugar e a atividade a ser executada. O horário do “*Santo retiro para internos e externos*” previa esta cuidadosa fragmentação, mesmo para momentos mensais como eram os retiros:

- 5 ½ - *Levantar.*
- 6 - *Oração, missa, café, recreio em silêncio.*
- 8 - *Oração para os externos, meditação comum.*
- 9 ½ - *Leitura, instrução, cântico – recreio em silêncio ou retiro no estudo.*
- 10¾ - *Visita, exame de consciência.*
- 11 - *Almoço, recreio moderado.*
- 12¾ - *Ladainha dos santos, retiro no estudo.*
- 13 - *Leitura, instrução, canto, recreio em silêncio, retiro no estudo.*
- 4 ½ - *Jantar e recreio moderado.*
- 6 ½ - *Via Sacra rezada ou cantada, meditação, bênção, chá, oração e repouso.*¹⁰

No quadro exposto, percebe-se que a detalhada segmentação que dividia o tempo em quartos de hora estava vinculado o ininterrupto preenchimento. Estas seqüências ininterruptas apontam para uma economia crescente do tempo. Ordenando as multiplicidades, a disciplinarização torna válido, rentável e útil o tempo singularizado. Nota-se que as caracterizações “*em silêncio*” e “*moderado*” definem a qualidade daquele tempo especial (o dia de retiro) que, com exceção da modalidade das atividades, pouco variava da cotidiana rigidez quanto ao cumprimento dos horários. A preocupação quantitativa – a da economia do tempo – converge uma qualitativa – a forma de seu usufruto.

A pontualidade é condição para a pretensa afinidade entre tempo e eficiência. Ela é insistentemente reiterada e inescrupulosamente requerida. Nas atividades de maior dispersão, tempo e lugar de cultivo das resistências, uma tática exigia a pontualidade: minutos antes da atividade (recreio, jogos, trabalho) terminar era dado um sinal, que indicava término, pouco mais de um minuto depois era dado um segundo sinal indicando o agrupamento da respectiva divisão, a organização e ocupação de lugar na fila, por fim, um terceiro sinal indicava o absoluto silêncio, que recolhendo as dispersas dissonâncias convergia para o uníssono comando indicador de uma nova atividade. Aos atrasados e irrequietos eram reservadas as sanções e observações previstas, estendidas a internos e externos.¹¹

Os diferentes posicionamentos impostos pelo jogo de sinais definem uma espécie de esquema

¹⁰ LIVRO de Crônicas do Liceu Salesiano São Gonçalo, 25/04/1920, ACSG.

¹¹ CIRCULAR do Diretor Pe. José Thamnhuber aos pais, 1º/10/1919, ACSG.

anatômico-cronológico do comportamento, uma decomposição dos gestos e dos movimentos, isto é, uma “*elaboração temporal do ato*”, pelo qual o corpo se ajusta a imperativos temporais, condição da eficácia e rapidez.¹² A repetição cotidiana destas atividades sob a onipresença reguladora que unifica as temporalidades não apenas possibilita internalização de hábitos, valores, posturas e atitudes requeridas, como dota o conjunto daquelas temporalidades de uma eficiência antes impossível. A lentidão e a demora são avidamente combatidas pela constante decomposição e repetição dos mesmos gestos e ocupações.

3.2 CONTROLE DOS ESPAÇOS

O internato é a forma adotada pelo sistema preventivo salesiano, que, pela sua “*forma protetora*”, confere aos agentes educativos “*total disposição e independência dos internos*”¹³ Menos de um ano de sua chegada a Cuiabá, o superior dos salesianos adquire um amplo terreno situado na Rua dos Pescadores, onde a antiga chácara vai dando lugar ao Liceu, que já em 1897 possuía

*um grande dormitório, seguido de devota capelinha, espaçosas repartições para oito cursos de diversas disciplinas, um modesto salão de atos que servisse, ao mesmo tempo, de refeitório para os alunos, teatro, academias, etc., uma outra ala bem extensa para os laboratórios [oficinas] de alfaiate, ferreiro, latoeiros, marceneiro, carpinteiro, sapateiro e curtidor de peles, com que se tem mantido a penúltima oficina, em grande estimação mesmo na cidade.*¹⁴

Aos poucos a precariedade das instalações cede lugar às transformações arquiteturais, que colocavam o Colégio São Gonçalo em lugar não inferior aos colégios salesianos da Europa, permitindo a adequada implementação dos “*meios peculiares ao sistema preventivo*”.

Ao que parece, os “arquitetos” salesianos aos poucos estabeleceram padrões de funcionalidade para conciliar, nas construções dos internatos, seis ambientes fundamentais: pátio, capela, estudo-aulas, dormitório, refeitório e ambientes dos superiores. Ambientes onde a cada aluno correspondia um único lugar que não deveria ser ocupado por outro. Os internatos salesianos no Mato Grosso não se utilizaram do esquema de construção quadrangular com pequeno pátio interno, preferindo a forma de L ou U, com amplos pórticos internos e continuados por extensas áreas para recreação. O São Gonçalo surge assim e, só muito posteriormente, assume a forma quadrangular atual. Sob aquela forma inicial aparentemente aberta, sobrepunham quadriculamentos e subdivisões internas, tanto as arquiteturais como as imaginárias, que predispunham a visibilidade necessária à rede de olhares garantindo, a vigência “*não só dos meios preventivos peculiares ao sistema do nosso fundador Dom Bosco, como também outros engenhos particulares e por assim dizer indispensáveis a esta sociedade, cujos filhos parecem herdar em grande parte a fleuma dos maiores e a inércia dos grandes.*”¹⁵

Destinados a demarcar o limite entre “*dois mundos*”- o de dentro do internato e aquele externo a ele -, os muros e as paredes deveriam também combater a “*fleuma*” e a “*inércia*” dos adolescentes e jovens matogrossenses, partindo inclusive de uma criteriosa e planejada distribuição dos espaços. Nenhum espaço era “neutro” à ação “*dos meios peculiares ao sistema*”, e quando estes não abarcassem os desafios impostos pelas singularidades da realidade local não faltariam os “*engenhos particulares*”, destinados a cobrir cada espaço e, por extensão, seus ocupantes.

Cada lugar do Liceu possuía suas normas e formas preestabelecidas de ocupá-lo. Fossem estas normas escritas ou não, na prática elas coexistiam com a arquitetura do pátio, da capela, do dormitório, dos

¹² FOUCAULT, M., *Vigiar e Punir*, p.137-138.

¹³ Cf. MB 10, 1043 e 11, 365.

¹⁴ MALAN, Pe. A., *op. cit.*, p. 25.

¹⁵ MALAN, Pe. A., *op. cit.*, p.26.

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

banheiros, dos ambientes internos, da cozinha e do estudo. Em função dos objetivos deste texto, limito-me a analisar o espaço destinado ao estudo.

O *estudo*, no início lugar também das aulas, era mais que um lugar, indicava também um tempo, dividido em pelo menos quatro momentos do cotidiano escolar que deveriam ser inescrupulosamente ocupados com esforço e esmerada dedicação. Tempo e local das tarefas escolares, era também utilizado para as leituras espirituais, aulas de boas maneiras, divulgação das notas, observações semanais do comportamento de cada um e outras atividades afins. Sob um estrado elevado estava a mesa do conselheiro ou assistente dos estudos, que a um sinal permitia que as tampas das carteiras fossem levantadas, o que só poderia ocorrer novamente ao final do período de estudo, sob um segundo sinal. A organização das carteiras uniformemente enfileiradas, a ordem crescente em função da estatura física de seus ocupantes, a distribuição e fixação dos ocupantes a partir das divisões as quais pertenciam (maiores, médios e menores) e a fixação do aluno em seu lugar específico, como acontecia em todos os outros ambientes, garantiam o preenchimento de todos os espaços e a rápida localização de eventuais ausências.

A fixação do aluno em um lugar específico integrava o conjunto daquelas técnicas individualizantes que o acompanhavam desde sua entrada, perpassando todas as atividades e utensílios por ele utilizados. À sua entrada era-lhe conferido um número, que deveria servir para identificar os poucos pertences pessoais que podiam ficar sob sua posse: roupas, calçados, utensílios de higiene etc., nos quais deveria “*marcar o seu número*”. Era-lhe também designada uma divisão, de acordo com a idade e estatura, (maior, médio, menor), pela qual seria doravante identificado e designado e da qual não deveria afastar-se, além dos lugares que deveria ocupar (a saber: a carteira, a cama, o assento no refeitório, na capela e nos estudos, etc). Entretanto, a permanência demorada num mesmo lugar ao lado dos mesmos vizinhos poderia suscitar o domínio de artimanhas ou possíveis resistências ao olhar vigilante do assistente. A fim de impedir tal situação, o antídoto preventivo autorizava periodicamente um remanejamento dos ocupantes e seus respectivos lugares ou ocupações. O que acontecia somente com a anuência do Diretor.

Mas a rigidez do “*enclausuramento*” não era absoluta. O espaço do mundo interno era por vezes penetrado pelo movimento da cidade que se expandia e se modernizava ao redor: as visitas por ocasião das solenidades, as festas religiosas, os certames lítero-musicais e as academias teatrais apresentadas no pequeno, mas sempre muito frequentado salão de atos do colégio, revelam este movimento. Destarte, as crônicas revelam ter sido bastante frequente a participação dos alunos em eventos, o que exprime a simpatia e o reconhecimento de que os salesianos gozavam junto às autoridades e à população local. O aniversário de alguma autoridade ou uma comemoração revelava-se em oportunidade, na qual a banda do colégio ou a representação de um grupo de alunos podia exibir os efeitos daquela primorosa educação.

*Aniversário do Presidente do Estado Excia. Cel. Antônio Paes de Barros. A banda do Liceu compareceu à alvorada que foi tocada por outras bandas conjuntamente (...) A tarde uma comissão de 3 alunos e um irmão salesiano Ângelo Sordi, em nome da Missão Salesiana, foram apresentar ao Dr. Presidente do Estado um cartão de felicitações.*¹⁶

Previstos e recomendados pelo fundador, os *passeios* eram prática bastante comum no calendário do São Gonçalo. A cada mês depois do retiro da boa-morte, por ocasião da Páscoa ou da festa de algum grande santo, nas férias para os que ficavam no internato, o passeio aparecia como recurso atenuante da rigorosa rotina. As notas de comportamento e de aproveitamento nos estudos estabeleciam quais seriam os “*premiados*” com os passeios. Em geral eram realizados na Chácara da Escola Agrícola Santo Antônio, onde os alunos podiam desfrutar dos banhos no Rio Coxipó. Espaço e tempo de lazer, de recreação e de expansão das energias contidas, aquele local era minuciosamente racionalizado pela atenta educação preventiva. Os “*premiados*” que podiam participar do passeio em geral acordavam às cinco da manhã e, após a missa e as

¹⁶ LIVRO de Crônicas do Liceu Salesiano São Gonçalo, Cuiabá, 15/12/1903, ACSG.

orações da manhã, saíam em fila, em direção à abençoada Chácara, de onde deveriam retornar por volta das dezessete horas.¹⁷ As filas, modo pelo qual deveriam deslocar-se até a chácara, cumpriam dupla função: regulavam as eventuais dispersões ou pequenas fugas do olhar da assistência que em hipótese alguma deveria permitir o afastamento¹⁸ e, de acordo com o cronista, constituíam-se forma de exibir a brandura da ação disciplinar que, sem recorrer a meios coercitivos, antepunha-se a estes, distribuindo e ordenando os corpos e os espaços por eles ocupados. “*Passeio entusiasmado de todos os meninos (...) à nossa chácara no Coxipó. Imponente o atravessar a cidade enfileirados, chamando a atenção de todos. Não houve brigas*”.¹⁹ Nenhum detalhe escapava ao olhar atento daquele que registrando a conduta dos seus, captava a admiração que aquela forma de ordenamento provocava nos transeuntes. Lentamente o ordenamento e a disciplina do internato ia, a seu modo, alçando seus vãos por outros espaços.

Desta forma, sobre a aparente neutralidade da distribuição e organização dos espaços físicos, traçou-se a meticulosa engenharia dos espaços imaginários construídos sobre os quadros vivos, traçando linhas e divisórias flexíveis e ao mesmo tempo fixas, que distribuíam e regulavam o movimento dos corpos, dotando-os da eficácia e da visibilidade necessárias à ação disciplinar.

3.3 EDUCAÇÃO PARA O TRABALHO

Esta cuidadosa organização espaço-temporal reflete não apenas o controle das atividades, mas a seu modo está na vanguarda da luta contra o ócio, bandeira empunhada no âmbito da educação pelos reformadores protestantes e católicos do século XVI que já assimilavam uma nova compreensão acerca do trabalho, diversa daquela compreensão própria do mundo medieval, para a qual, segundo São Tomás de Aquino, o trabalho como dever moral era definido a partir da necessidade do indivíduo e da comunidade e, cumprido este objetivo, ele deixa de ser um dever.

Esta cultura de exaltação ao trabalho é parte integrante da episteme das sociedades modernas que, ligadas aos processos de acumulação do capital e “*acumulação de homens*”, percebe no crescimento do aparelho de produção os mecanismos capazes de manter e garantir aqueles processos, bem como de utilizar e regular eficazmente o prodigioso aumento demográfico.²⁰ Vivenciando as múltiplas conseqüências deste processo já no século XIX, o fundador dos salesianos lança, como um dos pilares do edifício educativo, o programa de educação *para e pelo* trabalho. Para ele o trabalho é o “*cumprimento dos deveres do próprio estado, quer seja o estudo, uma arte ou ofício*”, sendo conatural ao ser humano, condição de crescimento na fé cristã e serviço à sociedade e, aprendido sob a ordem e a disciplina, meio de evitar o orgulho e a desobediência, enquanto salvaguarda a moralidade.²¹

Se esta noção reflete ainda um certo idealismo ético que parece se associar à compreensão tomista acerca do trabalho, duas questões dela decorrentes refutam esta inverosimilhança. A primeira, de ordem conceitual, reflete o alargamento do que é tido como trabalho - “*estudo, uma arte ou ofício*”, que perpassa o “*estado de vida*” do cristão. Seja clérigo, leigo, intelectual ou operário, é algo conatural a qualquer um destes “*estados de vida*”. Evidente que subsiste a esta compreensão a ausência de qualquer análise mais crítica sobre divisão do trabalho e sua correlação estrutural. Mas desprende-se dela uma positividade, refletindo explicitamente a noção burguesa de trabalho - ele é condição de crescimento moral, intelectual e social e, por

¹⁷ *Idem*. 03/04/1920.

¹⁸ “A maior falta no passeio é o afastamento das filas, para o que o assistente não pode dar licença. Merece expulsão quem comprar alguma coisa ou entrar nos cafés ou vendas (...) não devendo admitir no mesmo agrupamento meninos de outras divisões.” *Regulamento das Casas de São Francisco de Sales*, cap. XIV, item 2 e 6.

¹⁹ *LIVRO de Crônicas do Lyceo Salesiano São Gonçalo*, 3/7/1913, ACSG.

²⁰ FOUCAULT, M., *op. cit.*, p.194.

²¹ BOSCO, D., *Regulamento das casas da Sociedade de São Francisco de Sales (para os alunos)*, cap. V e VII, s/p. e MB 13, 86.

isto, parte do processo educativo, devendo ser extenso a todos.

O ócio, a vadiagem, a criminalidade, o analfabetismo e a ausência de mão-de-obra qualificada eram, realidades que desafiavam a imagem do progresso e a adesão do Estado à marcha civilizadora. O combate a estas imagens negadoras do progresso requeria imperiosa faina de hábeis mentes, que soubessem instruir e formar tanto o operário como os quadros de que o Estado necessitava, mas que, para ambos os destinatários, deveria vigorar uma educação que combinasse a idéia de valorização do trabalho com a moralidade e a disciplina.

Diversos estudiosos da educação brasileira destacam o pioneirismo das escolas profissionais salesianas que, instaladas inicialmente no Rio de Janeiro e em São Paulo, espalhavam-se rapidamente por outros estados da Federação.²²

Em Mato Grosso, menos de um ano após a chegada, em 1895, os salesianos já admitiam alguns “menores aprendizes”. Em 1898, eram inauguradas as oficinas de alfaiataria, ferraria, carpintaria e curtição no novo terreno e, posteriormente, ampliadas. Os Estatutos de 1905 definem o perfil dos destinatários daquela modalidade de ensino:

*“com o intuito de favorecer os jovens pobres e desvalidos, a Diretoria criou uma seção profissional mantendo um curso teórico prático de agricultura (a 6 Km de Cuiabá) e as oficinas de tipografia, serralheria, carpintaria, alfaiataria, encadernação, curtume, de pedreiro e outras no mesmo Liceu.”*²³

O Liceu forneceria os instrumentos dos “diversos ofícios” e aulas teóricas complementares como “coisas indispensáveis ao operário bem preparado”.²⁴ Comprometendo-se com os “meios”, os salesianos objetivavam conferir “um valor” aos jovens pobres e desvalidos, transformando-os em “operários bem preparados”. Para tanto, entendiam como indispensável a esta “preparação”, o ensino primário (elementar), que em separado dos “estudantes” era oferecido aos “aprendizes”, inicialmente ao longo de três e, posteriormente, quatro anos, de acordo com o programa de ensino.

Marcada por um tempo e em espaços minuciosamente prescritos, a formação do aluno-aprendiz não era um simulacro. Aprendiam a trabalhar, trabalhando. Ocupavam-se nas oficinas diariamente em dois períodos do dia, quatro horas pela manhã e mais duas horas à tarde. Por ocasião dos exames deveriam apresentar publicamente o produto de suas mãos nas exposições especialmente montadas no período das solenidades de formatura. Como resquício das antigas corporações, o móvel, o artefato de metal, a vestimenta, o impresso, dentre outros, atestavam aos examinadores o efetivo aprendizado. Todavia, para chegar a “este produto de suas mãos”, o aprendiz já deveria ter se esmerado no domínio das habilidades e técnicas de seu ofício, adquiridas em longo aprendizado de trabalho real, possibilitado inclusive pelas demandas locais, sejam para as necessidades do Liceu e de outras áreas de atuação da missão, seja para as de terceiros. Apesar dos poucos registros encontrados a esse respeito, é possível afirmar que a formação profissional contemplava as demandas de comerciantes e empresários da região, conforme registro nas *Crônicas*: “Fez-se a entrega dos móveis encomendados pelo agente do Banco Matto Grosso, Thomaz de Aquino Corrêa, às oficinas do Colégio...”²⁵

Em torno da aprendizagem do ofício circunscreviam-se múltiplas aprendizagens, cuja intenção extrapolava a formação profissional específica. A ética do trabalho supervalorizada neste ambiente lançava mão de aprendizagens para conferir ao aluno bem mais que o domínio das técnicas e da qualificação profissional. Antes disso, objetivava instituir o sentimento de amor ao trabalho, de progresso mediante o trabalho e de que seu contraposto – o ócio – era a causa de obstáculo ao progresso moral e material daqueles futuros profissionais.

²² Cfr. MOACYR, P., *A instrução e a República*, 1942, V.II, p. 29; AZEVEDO, F., *op. cit.* p.100; FONSECA, C. S. da, *História do ensino industrial*, 1992 e FREITAS, Z. R. de, *História do ensino profissional no Brasil*, 1954.

²³ *ESTATUTOS do Lyceo Salesiano São Gonçalo*, In: *SOLENE Distribuição de Prêmios no Lyceo de Artes e Ofícios São Gonçalo*, p. 46.

²⁴ *Ibidem*, p.46.

²⁵ *LIVRO de Crônicas do Lyceo Salesiano São Gonçalo*, 1900, ACSG .

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

Produzindo, aqueles meninos não somente aprendiam, mas se “*auto-produziam*”, gestavam um conhecimento de si próprios em sua relação com outros meninos, enquanto eram produzidos.

A ampla rede de dispositivos ligada à ação disciplinar garantia a eficácia deste processo. Dentre aqueles importa destacar o recurso à *premiação*, conferida aos aprendizes que apresentassem os melhores trabalhos e excelência na conduta ao final do período. Recebiam as gratificações em espécie e, posteriormente, em forma de Caderneta de Poupança, oferecidas pelas autoridades e pelo Governo do Estado. Outra forma de premiação era a participação destes trabalhos nas exposições externas: regionais, nacionais e mesmo internacionais. Os trabalhos produzidos pelos alunos do Liceu tiveram parte nas Exposições Nacionais do início do século XX. A imprensa local dá destaque para a participação e a premiação daqueles trabalhos nas exposições do Rio de Janeiro em 1908 mesmo aquelas promovidas pelos próprios salesianos na Itália²⁶.

Estímulo para os “aprendizes”, tais premiações e reconhecimentos convertiam-se em reconhecimento da “*missão civilizadora*” dos salesianos, muito embora não se conferisse a esta modalidade de instrução nenhum certificado oficial, tinha-se o reconhecimento e a utilidade imediata da formação de mão-de-obra qualificada nas demandas dos comerciantes e de outros setores da burguesia local.

Como dito anteriormente, a utilidade daqueles “*ofícios*” e dos respectivos trabalhadores foi inicialmente requerida pela própria Missão, consideradas as prementes necessidades das mais diversas frentes onde havia se estabelecido. Exemplo notório é a oficina gráfica. Preocupação constante, a tipografia recebera atenção especial a contar pelas diversas inovações e implementação de modernas máquinas para as oficinas das “*Escolas Profissionais Salesianas*” do Liceu. A formação deste aparato e suas inúmeras publicações funcionam como centro propagador dos princípios católicos, além das “*ciências, letras e outras artes*”. Em vinte e cinco anos de Mato Grosso, os salesianos haviam publicado dezenove títulos sobre diversos temas, destacando-se a tradução de manuais para língua bororo, além da *Revista Matto-Grosso*, *O Pequeno Mensageiro* e o *Pró-Família*, periódicos de circulação mensal impressos no próprio Liceu, ao lado de outros trabalhos gráficos requeridos pela comunidade local.²⁷

Quanto aos resultados desta educação profissionalizante, é necessário entendê-los com base nos conceitos norteadores deste trabalho. Educar para o trabalho na pedagogia salesiana extrapola o âmbito da formação profissional dos aprendizes, ainda que a formação para o trabalho manual fosse enfatizada nesta modalidade de ensino. A exaltação ao trabalho, que possui um valor quase que em si mesmo, é algo que não deve ser só apreendido, como também praticado por todos, religiosos e estudantes, superiores e subordinados. Trata-se de fomentar na realidade uma cultura do trabalho

A abertura do curso profissional aos alunos externos, a partir de 1912, a publicação dos nomes e profissões dos ex-alunos nas cidades de Corumbá e Cuiabá em 1919, por ocasião dos festejos de 25 anos dos salesianos em Mato Grosso, e o fato do Estado, mesmo tendo já desde 1910 uma “*Escola de Aprendizes e Artífices*”, firmar por três vezes contrato com o Liceu, para “*instrução dos ofícios sob as expensas dos cofres estaduais*” a menores pobres, contrato renovado nos anos de 1929, 1934 e 1935,²⁸ revelam a importância desta modalidade de ensino naquele contexto

²⁶ Apresento uma síntese das exposições das quais os salesianos tomaram parte, representando o Estado de Mato Grosso em: FRANCISCO, Adilson J. Apóstolos do Progresso.... p. 58-62.

²⁷ Dentre estas é possível enumerar: *Gramática de Língua Bororo* completada por um rico vocabulário, *Etnografia e Literatura*, *Noções de Catecismo*, tradução em língua bororo das *Lições de História do Brasil* do Dr. J. M. Lacerda, *Viagens Exploratórias* em 1896 de Pe. Nicolau Badairotti, *Exposição Nacional de 1908*, *Meteorologia e Climatologia da Região de Mato Grosso*, além das publicações no *Boletim Salesiano*. Cfr. *CINCO Lustrós da Missão Salesiana no Mato Grosso*, p.70.

²⁸ Cfr. Cópia do *CONTRATO entre o Governo do Estado e o Diretor do Liceu Salesiano São Gonçalo*, 30/3/1929, ACSG. “...para instrução de 40 alunos internos nas escolas profissionais ministrando-lhes além dos necessário dos meios de subsistência e vestuário decente, sólida instrução e educação moral e cívica, assim como o ensino de trabalho profissionais, segundo as aptidões e tendências individuais.” Prorrogado em 26/4/1934 e em 1º/4/1935, havendo neste último a inclusão da cláusula 9ª: “Idade mínima para a admissão dos educandos será de 12 anos e a máxima de 15 anos.”

Contudo é possível, ainda perceber que a educação *para* o trabalho e *pelo* trabalho no interior do Liceu cumpre, enquanto ação disciplinar, uma tríplice função: primeiro a de recuperar a influência e ação reguladora da Igreja junto às camadas mais pobres da população frente aos avanços de outros grupos religiosos (espíritas e protestantes); segundo, a de formar mão-de-obra que, em parte, atendia às demandas do processo modernizador com toda gama de implicações decorrentes deste mesmo processo; e, por fim, a formação de individualidades ordeiras, côncias de seus deveres e “con-formadas” para os papéis e funções a ser por elas desempenhadas no corpo social.

Ordenar a sociedade demandava o controle já não apenas via repressão policial ou jurídica. Urgia subordiná-la positivamente. A exaltação da produtividade e a imperiosa valorização do trabalho, no interior da lógica capitalista, promove no mesmo movimento a construção e a subordinação do sujeito que a produz, enquanto é por ela também produzido.

4. EDUCAÇÃO E MODERNIDADE

O caráter preventivo e a meticulosidade da ação disciplinar não foram e evidentemente não é uma característica exclusiva da pedagogia salesiana. Inúmeras instituições, escolares ou não, as desenvolveram. Na verdade, as liberdades e os direitos requeridos pela modernidade demandam, no movimento de sua instauração, o seu anverso – o amplo processo disciplinarizador que condicionaria e conformariam aquelas liberdades e direitos.

O movimento de modernização em Mato Grosso guarda estreita relação com este processo. As imagens do atraso e por vezes da barbárie, evocaram nos discursos dirigentes a imperiosa ação da escola, como força redentora e condutora do estado no panteão desigual das “nações cultas”. A ação educativa dos missionários salesianos não deixou de atender a esta “faina civilizadora”.

A despeito da beligerância entre o mundo eclesiástico e a modernidade, a ação educativa destes religiosos não deixa de combinar, no micro nível de suas práticas uma complementaridade de projetos: Teoricamente laico, o Estado não recusa a força ordenadora das massas possibilitada pela ação pastoral católica e esta, em princípio anti-modernista, busca na liberdade garantida pelo Estado, a reaproximação e influência sobre as massas e as elites..

Num momento que os idéias do projeto moderno são desafiados pelos problemas e questões do presente, urge resgatar as estratégias de afirmação deste projeto, o processo de constituição do homem moderno e por que não, as contradições e limites decorrentes deste processo. As análises aqui efetuadas, optando por perceber o micro nível das práticas institucionais desenvolvidas no interior de uma instituição escolar, objetivou tal intento. Acredito que o reconhecimento e o consequente desvelamento das infinitesimais estratégias produtoras de individualidades oferecem elementos novos para a compreensão daquilo que somos, daquilo que nos tornamos e de como nos tornamos o que somos.

A pesquisa empreendida no interior de uma instituição secular como o Liceu Salesiano São Gonçalo, não quis ser só uma reconstrução interrogante de práticas passadas mas, em seus limites, apresenta-se como provocadora das atuais práticas desenvolvidas nas mais diferentes instituições educacionais, confessionais ou não. Reconstruir discursivamente aquelas práticas articulando-as com o projeto de educação da modernidade é, no mínimo, interrogar-se sobre possibilidades outras das ações gerenciais que exercemos sobre nós mesmos e sobre os outros, é interrogar-se sobre a possibilidade mesma de uma razão transcendental, de um sujeito fundante, racional e autônomo, de um homem ou mulher cidadão/cidadã e universal, que possa habitar dentro de nós.

BIBLIOGRAFIA

AZEVEDO, Fernando de. *A transmissão da cultura*. 5 ed. São Paulo: Melhoramentos, 1976.

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

- AZZI, Riolando *Os salesianos no Brasil a luz da História*. São Paulo: Editora Dom Bosco, 1983.
- BOSCO, G. *Regolamento per le Case Della Società di San. Francesco di Sales*. In: BRAIDO, P. (org.). *Sritti sul sistema preventivo nell'educazione della gioventù*. Brescia: La Scuola Editrice, 1965.
- _____. *Memorie dell' Oratório di S. Francesco di Sales dal 1815-1855*. In: BRAIDO, P. (org.) *Sritti sul sistema preventivo nell'educazione della gioventù*. Brescia: La Scuola Editrice, 1965.
- _____. *Regulamento das casas da Sociedade de São Francisco de Sales (para os alunos)*. s.n.t.
- CINCO LUSTROS da Missão Salesiana no Matto-Grosso. Cuiabá: Tipographia Calhao & Filho, 1919.
- ESTATUTOS do Lyceo Salesiano de Artes e Ofícios São Gonçalo In: SOLENE Distribuição de Prêmios do Lyceo Salesiano de Artes e Ofícios São Gonçalo. Cuiabá, 1905.
- FONSECA, C. S. da. *História do ensino industrial*. Rio de Janeiro, s/ed., 1962.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: história das violências nas prisões*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1983.
- _____. *El sujeto y el poder*. *Revista Mexicana de Sociologia*. México. v. I, n.3, jul-set, 1988.
- _____. *Deux essais sur le sujet et le pouvoir. Pourquoi etudier le pouvoir: la question du sujet*. In: DREYFUS, H. & RABINOW, P. *Michel Foucault: un parcours philosophique*. Gallimard: Paris, 1984.
- FRANCISCO, Adilson J. *Apóstolos do Progresso: a prática educativa salesiana e o processo de modernização em Mato Grosso(1894-1919)*. Cuiabá: UFMT, 1998. Dissertação de Mestrado.
- _____. *Educação e Modernidade: Os salesianos em Mato Grosso 1894-1919*. Cuiabá. Entrelinhas: Edufmt, 2010.
- FREITAS, Marcos César (org.) *História Social da Infância no Brasil*. São Paulo: Cortez Universidade São Francisco, 1977.
- FREITAS, Z. Rocha de. *História do ensino profissional no Brasil*. Graf. São José, 1954.
- GOFFMAN, E. *Microsociologie et historie*. In: CARDOSO, C. F., VAINFAS, R. *Domínios da História, Ensaios de Teoria e Metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.
- GOFFMAN, Erving. *Manicômios, prisões e conventos*. 5 ed. São Paulo: Perspectivas, 1996.
- LEITE, Luis Philippe Pereira. *A obra Dombosquina e o oeste brasileiro*. Cuiabá.s/d.
- LEMOYNE, G.B.; AMADEY, A. e CERIA, E. (comp.) *Memorie Biografiche di San Giovanni Bosco*. S. Benigno Canave: Scuola Tipographica Salesiana, 1898- 1939, 19 v.
- MOACYR, Prymitivo. *A instrução e a República*. Rio de Janeiro: INEP, 1942. 7 v.
- NAGLE, Jorge. *Educação e sociedade na primeira República*. EPU/EDUSP/MEC, 1974.
- PONCE FILHO, Generoso. *O menino que era eu*. Livraria Lançadora, 1967.
- SCARAMUSSA, Tarcísio. *O sistema preventivo de Dom Bosco*. 2. ed. São Paulo: Editorial Dom Bosco, 1979.